



NATALIA SILVA DO LAGO

**NARRATIVA DE VIDA: A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO ETHOS
DE UMA MULHER VÍTIMA DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA**

**LAVRAS - MG
2022**

NATALIA SILVA DO LAGO

**NARRATIVA DE VIDA: A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO ETHOS DE UMA MULHER
VÍTIMA DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA**

Monografia apresentada à Universidade Federal
de Lavras, como parte das exigências do Curso de
Letras, para a obtenção do título de Licenciado.

Prof.(a) Dr.(a) Márcia Fonseca de Amorim.
Orientadora.
Prof. Dr. Márcio Rogério de Oliveira Cano.
Coorientador.

**LAVRAS - MG
2022**

NATALIA SILVA DO LAGO

**NARRATIVA DE VIDA: A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO ETHOS DE UMA MULHER
VÍTIMA DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA**
**LIFE NARRATIVE: THE SOCIAL CONSTRUCTION OF THE ETHOS OF A WOMAN
VICTIM OF DOMESTIC VIOLENCE**

Monografia apresentada à Universidade Federal
de Lavras, como parte das exigências do Curso de
Letras, para a obtenção do título de Licenciado.

APROVADA EM 25 de abril de 2022

Thauane Teodoro Gonçalves Santos (UFLA)
Luiz Guilherme Esteves da Silva (UFLA)

Prof.(a) Dr.(a) Márcia Fonseca de Amorim.
Orientadora.
Prof. Dr. Márcio Rogério de Oliveira Cano.
Coorientador.

LAVRAS - MG
2022

Às minhas avós que me deram força e coragem nessa jornada.

"As mulheres desenharão portas onde não houver nenhuma. E elas as abrirão e passarão por essas portas para novos caminhos e novas vidas. Como a natureza selvagem persiste e triunfa, as mulheres persistem e triunfam. Aguarde. Confie. Faça sua parte. Você descobrirá seu próprio caminho".
CLARISSA PÍNKOLA ESTÉS - MULHERES QUE CORREM COM OS LOBOS

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora, Márcia Amorim, por ter me ajudado a desenvolver esta pesquisa, por toda paciência para me ajudar e por ter acreditado no meu potencial. Agradeço ao projeto PIBID e à CAPES pelo apoio financeiro. Aos meus colegas de curso Ana Paula, Janaína, Claudinei e Guilherme por terem sido grandes amigos, pelas horas de conversa e ajuda nas disciplinas. Por causa deles, os anos de graduação foram leves e divertidos.

Agradeço à minha família que mesmo longe estiveram comigo durante todos esses anos de graduação, em especial meu pai e minha mãe pelo suporte, apoio e por acreditar nos meus sonhos. À minha tia Mariane que esteve comigo em todos os momentos e por todas as noites que ficamos acordadas conversando até a ansiedade passar. Pelos livros que ela me emprestou e as músicas que me mostrou, ela sempre foi uma das melhores partes da minha vida.

Aos meus amigos, Fernanda, Mateus, Maria Cecília, Jéssica e Pedro por terem ficado ao meu lado todos os dias, pelas palavras de incentivo e por sempre escutar meus desabafos. Sem eles esses anos teriam sido mais difíceis e sem graça.

À República AmaZona por ter sido uma família para mim em Lavras e por tantos ensinamentos. Parte da mulher que sou hoje devo à elas, por me mostrarem a força e a coragem que nós mulheres temos. Tenho muito orgulho de fazer parte da história dessa casa tão especial e da relação de família e união que construímos juntas. Elas acompanharam de perto o desenvolvimento deste trabalho e me deram muito apoio e suporte para terminar, rimos e choramos juntas com cada avanço ou dificuldade, vou ser sempre grata por ter elas na minha vida.

RESUMO

Este trabalho se insere na área da Análise do Discurso da Língua Portuguesa e tem o objetivo de analisar as influências da violência doméstica na construção da imagem da mulher, quer por si mesma, quer pelo outro. Para a análise, foi selecionado um depoimento no YouTube, no canal Confessionário - Relatos de casa, uma websérie criada durante a pandemia do COVID-19 para incentivar as mulheres a darem voz aos abusos que sofreram de seus parceiros e, conseqüentemente, diminuir o tabu que existe acerca desse assunto. Este trabalho trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo e bibliográfica e cuja análise encontra-se ancorada nos estudos realizados por Orlandi (2009), Foucault (1971), Amossy (2016), Maingueneau (2016), Zoppi-Fontana (2017), Beauvoir (2016) e Wolf (1992). Dessa forma, pudemos analisar a construção da imagem da mulher antes e depois de passar por violência doméstica e os estereótipos criados pela sociedade sobre mulheres que se encontram em situações de abuso. A partir dessa análise, pudemos compreender a necessidade de falar mais sobre esse assunto e apoiar ainda mais a luta das mulheres para conquistar maior representatividade e respeito na sociedade.

Palavras-chave: Análise do Discurso, ethos, violência doméstica e mulher.

ABSTRACT

This work is part of the area of Portuguese Language Discourse Analysis and aims to analyze the influences of domestic violence on the construction of the image of women, either by themselves or by the other. For the analysis, a testimony on YouTube was selected from the channel Confessionário - Relatos de casa, a webseries created during the COVID-19 pandemic to encourage women to give voice to the abuses they suffered from their partners and, consequently, reduce the taboo that exists on this subject. This paper is a qualitative and bibliographic research and the analysis is possible through studies conducted by the authors Orlandi (2009), Foucault (1971), Amossy (2016), Maingueneau (2016), Zoppi-Fontana (2017), Beauvoir (2016) and Wolf (1992). In this way, we can analyze the construction of the image of women before and after experiencing domestic violence and the stereotypes created by society about women who are in situations of abuse. From this analysis, we can understand the need to talk more about this subject and further support the struggle of women to conquer their space and respect in society.

Keywords: Discourse Analysis, ethos, domestic violence and women.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1.....	30
Figura 2.....	31
Figura 3.....	32
Figura 4.....	33
Figura 5.....	34
Figura 6.....	36
Figura 7.....	37

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO	9
2- ANÁLISE DO DISCURSO	10
2.1- Heterogeneidade Constitutiva e Mostrada.....	11
2.2- Processos de interdição e silenciamentos	15
2.3- A construção do ethos	18
2.4- Estereótipos na construção da imagem de si	23
2.5- Interdiscursividade na cena enunciativa.....	24
3- A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA MULHER	26
4- A CONSTRUÇÃO SOCIAL E DISCURSIVA DA MULHER VÍTIMA DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA	28
5- CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
6- REFERÊNCIAS	39

1- INTRODUÇÃO

Este trabalho de pesquisa se insere no âmbito da Análise do Discurso - AD, proposta teórica que busca analisar o dizer como um acontecimento discursivo, com enfoque nas relações que cada sujeito estabelece consigo mesmo, com as coisas do mundo e com a sociedade à sua volta. A AD parte do pressuposto teórico de que cada indivíduo é interpelado em sujeito por meio das relações de força ideológica e de poder que dita quem pode dizer, o que pode ser dito em uma dada situação de interação e que efeitos de sentido esse dizer promove. A AD inscreve sua proposta na relação do sujeito com a língua e a história. Para tanto, esse campo de estudo fundamenta-se na ideia de que a ideologia atua no inconsciente e de que o sujeito pensa ser a fonte de um dado dizer, mas reproduz já ditos inscritos em uma memória discursiva.

A Análise do Discurso nos coloca na posição de reflexão e nos permite uma relação menos ingênua com a linguagem. Dessa forma, somos capazes de analisar como os discursos funcionam a partir de uma relação dupla com a memória, isto é, com a memória institucional que estabiliza e cristaliza os já ditos e, ao mesmo tempo, com a memória constituída pelo esquecimento que permite o diferente, a ruptura e o “Outro”. Essa área de estudos reflete sobre como nos relacionamos com a linguagem em nosso cotidiano, sobre a língua em funcionamento para a produção de sentidos e permite a análise de unidades para além do texto – estuda o discurso. (ORLANDI, 2009)

Com base nesses conceitos e nos próximos que serão desenvolvidos, este trabalho busca analisar as influências da violência doméstica na construção da imagem da mulher, quer por si mesma, quer pelo outro. Mais especificamente, busca analisar o modo como a mulher é apagada e silenciada dentro de uma situação ou relação abusiva e diversas formas de violência a que ela é exposta. Dessa forma, este trabalho analisará a imagem que a mulher constrói de si mesma em relações de abuso e violência e a imagem que a sociedade constrói dela nesse mesmo aspecto.

A escolha desse tema foi feita a partir da importância de estudar os aspectos sociais que interferem na luta das mulheres para conquistar seu espaço de direito na sociedade. Além disso, os casos de violência doméstica aumentam cada vez mais e é preciso que as mulheres se sintam seguras para procurar ajuda e denunciar os abusos que sofrem diariamente. Por fim, esse tema é muito relevante no ensino-aprendizagem atual que aborda questões sociais e busca trazer um pouco mais da realidade dos alunos para dentro da sala de aula.

Este trabalho constitui-se de uma pesquisa de cunho qualitativo e bibliográfica, ou seja, busca construir uma visão holística e familiarizar o pesquisador com os textos teóricos relacionados ao objeto de estudo. Para a realização da análise deste trabalho, será usado um depoimento de uma mulher sobre os abusos que sofria do ex-marido, tirado de uma websérie no YouTube chamada “Confessionário - Relatos de Casa”. Considerando a dificuldade que as mulheres têm para falar sobre esse assunto, este trabalho busca incentivá-las a compartilhar suas experiências e a pedir ajuda caso estejam sofrendo algum tipo de violência.

Ainda, esta pesquisa busca aumentar o debate sobre a violência contra a mulher, principalmente sobre aquelas mulheres que se encontram em uma situação de vulnerabilidade. Além disso, retoma uma questão muito pertinente para a sociedade atual: a organização patriarcal que situa a mulher em uma posição de inferioridade em relação ao homem em diferentes esferas da vida social. A pesquisa pode auxiliar diferentes mulheres a entender o machismo enraizado nelas mesmas e na nossa cultura. Por fim, o trabalho tem a intenção de mostrar às mulheres que as situações de violência a que elas são expostas não são consequências de erros ou atitudes delas, mas sim por ações perpetradas contra elas por um homem que se sente superior devido à nossa cultura machista.

O trabalho encontra-se organizado da seguinte maneira: este capítulo introdutório, um capítulo teórico que trata de especificidades da Análise do Discurso, com base nos estudos de Orlandi (2009), Foucault (1971), Amossy (2016), Maingueneau (2016), Zoppi-Fontana (2017), um capítulo sobre a construção social da mulher, ancorado nos estudos de Beauvoir (2016) e Wolf (1992), um capítulo de análise e as considerações finais.

2- ANÁLISE DO DISCURSO

A Análise do Discurso – AD consiste em uma proposta de estudo que nos possibilita um olhar menos ingênuo sobre o que é dito em um dado acontecimento. Por meio dela, podemos analisar como as práticas linguísticas interferem na nossa constituição como sujeitos na sociedade, além de contribuir para as análises das relações que estabelecemos com nós

mesmos e com o mundo ao nosso redor. Esses estudos nos permitem perceber que estamos submetidos à linguagem e à sua opacidade, mas também percebemos que não existe neutralidade nem no uso mais corriqueiro da língua. (ORLANDI, 2009)

Assim, para a realização deste trabalho devemos considerar a língua não apenas como uma estrutura, mas principalmente como acontecimento. Podemos analisar situações comunicativas do nosso dia a dia que estão interpeladas por processos que são responsáveis por organizar os discursos interna e externamente. Em especial, os procedimentos externos que causam o silenciamento e controlam a legitimidade dos discursos.

2.1- Heterogeneidade Constitutiva e Mostrada

Mainueneau (2008) pontua a importância de se considerar ao mesmo tempo a discursividade como dito e dizer, o enunciado e a enunciação. Assim, podemos trabalhar com a superfície e a profundidade do discurso.

À vista disso, para analisar a heterogeneidade enunciativa, o autor pontua duas formas de identificar a presença do “Outro” no discurso: a heterogeneidade “mostrada” e a heterogeneidade “constitutiva”. A primeira é caracterizada por possuir marcas no texto, como o discurso citado, autocorreções, palavras entre aspas etc. Já a segunda diz respeito à ausência de marcas visíveis no enunciado, mas traz a presença do outro nas entranhas do dizer.

Assim, o conceito do primado do interdiscurso se inscreve na heterogeneidade constitutiva, é a partir dela que se organiza uma relação entre o Mesmo do discurso e seu Outro. Dessa maneira, o discurso se alimenta do Mesmo, é a partir dele que o Outro traduz o discurso e reforça a ideia desejada. A partir desses conceitos, o autor busca trabalhar a divisão do interdiscurso em: universo discursivo, campo discursivo e espaço discursivo.

O universo discursivo é “o conjunto de formações discursivas de todos os tipos que interagem numa dada conjuntura” (MAINGUENEAU, 2008, p. 33). Esse conceito não tem muita relevância para o analista, é utilizado para mensurar a extensão de possibilidades para a formação de competências que serão estudadas, isto é, os “campos discursivos”. Logo, a divisão de campos discursivos não busca definir setores solitários e específicos, trata-se apenas de uma concepção necessária que possibilita várias redes de troca. É no interior dos campos discursivos que os discursos são constituídos e esse processo explica-se por meio do

procedimento de formações discursivas. Porém, isso não significa que os discursos de uma mesma área sejam constituídos da mesma forma.

Por último, os espaços discursivos são um subconjunto de formações discursivas, isoladas nos campos discursivos. Tais formações são consideradas pelo analista e ele decide a relevância delas. Esses subconjuntos são resultados de hipóteses que só serão confirmadas ou não no decorrer da pesquisa. Como exemplo, o autor cita o espaço discursivo humanismo devoto e o jansenismo, analisados por ele. O autor constata em suas análises que o discurso disseminado por ambos é construído por meio do outro. Ou seja, embora esses dois discursos religiosos sejam diferentes e puguem ideologias díspares, a constituição do jansenismo é baseada no discurso humanista devoto.

Assim sendo, poderíamos supor que, para determinar componentes pertinentes ao espaço discursivo, seria necessário considerar outros discursos do mesmo campo que são citados e recusados pelo segundo discurso. Esse processo nos permite identificar os discursos “primeiros” que são usados na constituição de outro discurso. Segundo o autor:

“Reconhecer este tipo de primado do interdiscurso é incitar a construir um sistema no qual a definição da rede semântica que circunscreve a especificidade de um discurso coincide com a definição das relações desse discurso com seu Outro. No nível das condições de possibilidade semânticas, haveria, pois, apenas um espaço de trocas e jamais de identidade fechada. Esse ponto de vista vai na direção contrária à adotada espontaneamente pelos enunciadores discursivos; estes, longe de admitir esse descentramento radical, reivindicam, de fato, a autonomia de seu discurso.” (MAINGUENEAU, 2008, 35-36)

Ademais, as condições de possibilidades semânticas permitem apenas um espaço de trocas e não uma identidade fechada. Portanto, isso vai contra ao que é escolhido pelos enunciadores discursivos, pois estes retomam a autonomia do discurso. Para exemplificar esse conceito de autonomia, o autor cita o discurso religioso, pois cada discurso baseia sua conformidade em uma Palavra divina absoluta.

Além disso, em um discurso, há sempre marcas de outros discursos e essas marcas não são, necessariamente, localizáveis no interior de cada um deles. Essas outras vozes não estão mais no centro do discurso, elas são partes importantes para a construção de determinado enunciado, mas também são deixadas de lado para que haja a construção de uma identidade própria no enunciado. Então, a relação do Mesmo e do Outro gera o que o autor chama de “caráter essencialmente dialógico de todo enunciado do discurso” (MAINGUENEAU, 2008,

p. 39). Ou seja, não é dessa relação que as formações discursivas baseiam sua unidade, mas sim da divergência entre o Mesmo e o Outro.

Nessas condições, podemos esperar ir além da divisão de heterogeneidade “mostrada” e heterogeneidade “constitutiva”, pois na enunciação podemos apontar o Outro independente de qualquer forma de distinção marcada. O Outro não pode ser considerado como uma figura de interenunciador. Podemos supor que o Outro é como um “tu virtual”. Isto é, ele é uma figura da qual o “eu” deve se separar, o que classifica o Outro como o interdito do discurso.

A formação discursiva atribui ao Outro o dizível faltoso, ou seja, em um discurso determinados argumentos são apresentados e alguns deles são recusados pelo coenunciador, classificados como aquilo que não pode ser dito. O Outro carrega aquele dizer que não é sustentado pela enunciação sobre o qual o interdito constitui o discurso.

A partir do momento que as formações discursivas se estruturam com base nessa relação entre o Mesmo e o Outro, a totalidade dos enunciados que se desenvolvem por meio das articulações fundamentais delas confirmam que todo discurso rejeita um enunciado de seu outro espaço discursivo. Quer dizer, todo enunciado possui um lado “certo” e um lado “oposto” que são inseparáveis. Para interpretar qualquer enunciado, é preciso levar em consideração esses dois lados, primeiro para entender o objetivo do enunciador e depois para perceber a rejeição do discurso de seu Outro. Segundo Amorim (2009):

“A inscrição do Outro como constitutivo do discurso independe de qualquer forma de alteridade marcada. Esse Outro, de uma forma ou de outra, já se encontra lá, na delimitação entre o dizível e o não dizível ou no que é refutável por uma formação discursiva, uma espécie de avesso do dizível.” (AMORIM, p.161, 2009)

A partir do momento que consideramos o espaço discursivo como uma rede de interação semântica, ele passa a determinar um processo de interincompreensão generalizada, o que corresponde à condição das possíveis concepções enunciativas. Para elas, não há separação entre enunciar dentro das regras de sua formação discursiva e de “não entender” os sentidos dos enunciados do Outro. Isso se manifesta no fato de que cada discurso é definido por uma grade semântica que, de uma mesma forma, leva ao desentendimento recíproco. Dessa forma, “Como alternativa de traduzir o Outro pela enunciação, a interincompreensão incide em uma forma de se identificar a uma certa comunidade discursiva, e conseqüentemente, negar outras.” (CANO, CELESTINO, p.189, 2019).

Podemos dividir a composição do discurso em dois conjuntos, repartidos em: primeiro, os semas “positivos” que são requeridos e depois, os semas “negativos” que são rejeitados. Em cada um desses conjuntos é associado um método responsável por interpretar os enunciados de seu Outro, transformando-os nas categorias negativas de seu sistema. Ou seja, os enunciados do Outro só podem ser interpretados dentro da organização semântica do enunciador. Para manter sua personalidade na cena enunciativa, o discurso não pode relacionar-se com o Outro na sua forma natural, mas somente no simulacro que se constrói. Nesse sentido, o autor classifica como discurso-agente aquele que está na posição de tradutor e como discurso-paciente aquele que é traduzido.

Ademais, para explicar o termo tradução, o autor cita como exemplo termos como “diálogos de surdos” e “adversários que não falam a mesma língua”, isto é, quando Maingueneau (2008) cita o termo tradução, ele se refere ao entendimento que cada um tem do enunciado do Outro na sua própria língua e no interior de um mesmo idioma. Dessa forma, podemos citar como exemplo o machismo, uma concepção que existe na tradução feita pelo Outro e não no discurso do Mesmo.

Cada formação discursiva tem sua forma específica de incorporar seu Outro. Essa ideia vai contra as representações espontâneas, para as quais a oposição entre dois discursos é um conceito que não é mais necessário especificar. De fato, a partir da relação constitutiva com o Outro, essa ideia é apenas a marca de como funciona a formação discursiva marcada como uma consequência. Dessa forma, a polêmica de um determinado discurso está na interpretação que o Outro faz, ou seja, o sentido do discurso é atribuído por meio da compreensão que o Outro tem, o que depende de suas crenças e conhecimentos acerca do mundo. Portanto, apenas o Outro é capaz de conferir polêmica para uma determinada formação discursiva.

Em consequência, podemos relacionar esses conceitos com outras teorias apresentadas por Maingueneau, como o estereótipo e o ethos que remete a imagem do fiador. Portanto, se cabe à tradução do Outro atribuir polêmica a determinado enunciado, é evidente que a maneira de dizer que reflete na maneira de ser pode afetar na interpretação que o Outro terá do Mesmo. Além disso, a cenografia do discurso também tem relevância quando tratamos desse assunto, pois todo o contexto da cena enunciativa contribui para a legitimidade do discurso e esses aspectos são considerados na interpretação do coenunciador. O ethos implica o caráter e a corporalidade do enunciador, o que é essencial nas representações sociais que podem ou não ser valorizadas, isto é, o enunciador recebe uma imagem com base naquilo que o coenunciador lê e no que já conhece da sociedade.

Ainda, a formação discursiva não define apenas um conjunto de sentidos próprios, “ela define igualmente seu modo de coexistência com os outros discursos” (MAINGUENEAU, 2008, p.106). É preciso pontuar que existem discursos em que a semântica demanda a pluralidade dos discursos e outros que só podem funcionar pela exclusividade da legitimidade.

O início da existência de um discurso se baseia na capacidade de investir em um conjunto muito limitado de textos, ou seja, possui uma abrangência muito delimitada. É por meio do tecido imprevisível que as controvérsias vão sendo produzidas. Assim, a área de incompatibilidade entre discursos é formada desde o princípio. De certo, dentro do sistema de restrições linguísticas, a divergência entre os discursos é definida desde o início, porém apenas as interações adequadas que serão responsáveis pela delimitação temática. Portanto, essa produção de discursos é mais como um conjunto de respostas incoerentes que aos poucos estruturam a memória do próprio discurso. (MAINGUENEAU, 2008)

Assim, essa definição de discurso é resultado, em partes, da polêmica. As definições de discurso e polêmica andam juntas, da mesma forma que não podemos sair da polêmica sem a intervenção de um terceiro, não se pode também entrar nela. O discurso desde sempre foi influenciado pela polêmica. Dessa forma, o discurso se encontra relacionado com duas memórias associadas: memória interna e memória de filiação externa. A primeira é enriquecida e tem sua autoridade aumentada conforme o tempo passa e conforme os homens desaparecem. Além disso, deixa marcado na história um nome ou as vítimas de uma causa. A segunda, marca a linhagem dos ancestrais e, também, a linhagem adversária a essa (a qual o Outro se identifica). (MAINGUENEAU, 2008)

É imprescindível que o discurso se fundamente em uma Tradição, mas ao mesmo tempo crie a sua própria Tradição. Logo, o discurso não se desprende da polêmica e nem da interdiscursividade para poder se constituir. Ele é obrigado a esquecer que não se fundamenta de um retorno às coisas, mas sim da mudança de outros discursos ou na polêmica que por si só é incapaz.

2.2- Processos de interdição e silenciamentos

Foucault (1971), em seus estudos sobre o discurso, busca compreender como este se organiza, como se manifesta e que efeitos de sentido pode promover. Para o autor, o discurso é o ato de falar, manter, transmitir e articular ideias em todos os aspectos, seja na fala, na escrita, no olhar, na comunicação por gestos etc. Assim, Foucault procura analisar a maneira como o

discurso se realiza na sociedade e, para isso, ele investiga a forma como os discursos se organizam externamente e internamente. Os procedimentos externos de articulação do discurso são divididos pelo autor em interdição, rejeição e vontade de verdade.

O primeiro procedimento externo analisado pelo autor é a interdição, um procedimento de exclusão que se baseia no que pode ser dito e no que não pode ser dito por alguém em uma dada instância social, isto é, podemos perceber que não conseguimos falar de tudo em todas as circunstâncias. Para exemplificar esse procedimento, ele cita a sexualidade (desejo), a política (poder) e a religião (desejo e poder). Atualmente, existem muitos assuntos considerados tabus na nossa sociedade, como o sexo, a política, a religião. Esses assuntos estão longe de serem neutros no interior de uma prática social. Segundo o autor:

“[...]em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.” (FOUCAULT, 1971, p. 8-9)

O segundo procedimento de exclusão que o autor analisa é o de rejeição, ele compara esse procedimento com a oposição entre razão e loucura. Foucault cita o “discurso do louco” cujo discurso não pode circular como os outros, pois sua palavra pode ser considerada nula, sem verdade e importância. Nesse aspecto, o autor considera duas classificações para os discursos: os lógicos que são ouvidos e os ilógicos que não são ouvidos. Em contrapartida, o discurso do louco pode ser atribuído com o poder de dizer uma verdade escondida e de perceber aquilo que a sabedoria dos outros não é capaz.

O terceiro e último procedimento de exclusão estudado pelo autor não se trata apenas de uma oposição entre verdadeiro e falso, mas de uma vontade de verdade, de um discurso verdadeiro, ou seja, a vontade de saber. A vontade de verdade, como os outros procedimentos de exclusão, passa por uma validação e por uma construção de signos, sentidos e conceitos. Dessa forma, a construção de valores e conceitos permite que o discurso produza efeitos de poder na sociedade e, assim, a vontade de saber tende a exercer uma pressão sobre os outros discursos. De acordo com o autor, “[...] aquele que responde ao desejo ou aquele que exerce o poder, na vontade de verdade, na vontade de dizer esse discurso verdadeiro, o que está em jogo, senão o desejo e o poder?” (FOUCAULT, 1971, p. 20)

Ademais, a vontade de verdade diz respeito àquilo que seria um discurso verdadeiro. Assim, nossos discursos são organizados entre aquilo que sabemos e julgamos ser verdadeiro

e entre as coisas que não sabemos ou sabemos de forma limitada e, ainda, os discursos que pertencem ao campo da ficção e, portanto, não são verdadeiros. No entanto, esse procedimento é ignorado quando se trata de uma verdade rica e fecunda que proporciona o controle, a delimitação e, ainda, a interdição daquilo que incomoda.

Existem muitos outros mecanismos de controle e delimitação do discurso. Foucault analisa as formas como o discurso se autocontrola, ou seja, os procedimentos internos. O autor cita o ritual, um sistema de restrição, que é responsável por definir a qualificação que os sujeitos que falam devem ter, também define os gestos, os comportamentos, as circunstâncias e todos os signos que devem acompanhar o discurso. Além disso, baseia-se em uma organização interna de quem pode ou não falar determinada coisa, ademais determina para os sujeitos que falam propriedades e papéis preestabelecidos. (FOUCAULT, 1971)

Por fim, não é qualquer sujeito que pode dizer a qualquer outro qualquer coisa em qualquer lugar e em qualquer circunstância. A produção do discurso é controlada para que seus poderes e perigos sejam medidos e contidos, assim o discurso é propagado em uma situação na qual os interlocutores já sabem seus direitos de falar e os lugares e circunstâncias que são pré-determinados. Afinal, os discursos que são realizados baseiam-se nas permissões que recebem de acordo com a esfera da sociedade em que os sujeitos pretendem atuar.

Com base no que foi dito, é possível abordar a relação de discursos que são historicamente silenciados e a relação de subjetivação que permite ao enunciador gerar um modo de falar de si. Assim, a discussão sobre a construção e legitimação social e histórica do "lugar de fala" é uma questão atual que contribui para a construção de sujeitos e de suas imagens. Essa discussão nos faz pensar na complexidade dos processos responsáveis por determinar a posição discursiva do sujeito e, também, nas diversas formas de silenciamento que ele está predisposto a sofrer.

Além disso, os lugares socialmente estabelecidos configuram um modo de dizer, isto é, disseminamos discursos que vêm de formações discursivas com as quais nos identificamos de acordo com as posições sociais que ocupamos. Ademais, os discursos são afetados pelos processos históricos de silenciamento e pela legitimidade que se é atribuída a eles socialmente. Se pensarmos a enunciação como um processo de dizer que é histórico e social, inevitavelmente, temos que pensar que nesse processo de dizer existem determinações históricas que reduzem ao silenciamento, ou seja, mostram o que pode ou não ser dito e em quais situações um dizer pode ser legitimado. Portanto, o direito de dizer e a legitimação de um discurso é desigual na sociedade por motivos históricos e a discussão acerca do lugar de fala aponta isso. Como exemplo, podemos citar os discursos políticos e de resistência que

surgem da noção de lugar ocupado pelos sujeitos. Assim, o ato de silenciar, por exemplo, produz invisibilidade. Segundo Zoppi-Fontana (2017):

“Os lugares de enunciação, por presença ou ausência, configuram um modo de dizer (sua circulação, sua legitimidade, sua organização enunciativa) e são diretamente afetados pelos processos históricos de silenciamento. Esses modos de dizer mobilizam as formas discursivas de um eu ou um nós, de cuja representação imaginária a enunciação retira sua legitimidade e força performativa. É a partir desses lugares de enunciação, considerados como uma dimensão das posições-sujeito e, portanto, do processo de constituição do sujeito do discurso, que se instauram as demandas políticas por reconhecimento e as práticas discursivas de resistência.” (ZOPPI-FONTANA, 2017, p. 66)

Portanto, é por meio da enunciação que o sujeito, em determinadas condições de produções, tendo em vista o discurso assumido por ele, pode ou não ter legitimado o seu lugar na cadeia discursiva. Dessa forma, diversos fatores contribuem para que o discurso seja ou não legitimado. Dentre eles podemos citar a construção da imagem do enunciador e a configuração da cena enunciativa em que o discurso se desenvolve.

2.3- A construção do ethos

Para entender os conceitos abordados na seção anterior deste trabalho, a discussão sobre ethos que é abordada por alguns teóricos da AD, é fundamental. Para tanto, é possível citar Aristóteles que compreende o ethos como um elemento importante para a persuasão. Assim, o filósofo emprega o termo *epieikeia* que, na tradução de Daufour, significa “honestidade”. Portanto, podemos dizer que o orador que apresenta em seu discurso um caráter honesto possui maior crédito com seu auditório. (AMOSSY, 2016)

No estudo do ethos discursivo, há muitas referências aos livros de retórica de Aristóteles (*Ret. I, Ret. II, Ret. III*). Nessas obras, o autor trabalha com duas dimensões dos ethos (*Ret. I*), sendo uma de sentido moral e *epieikeia*, que *compreende* atitudes e virtudes, como honestidade, benevolência e equidade. A outra dimensão do ethos estudada pelo autor está relacionada ao sentido neutro e objetivo de *héxis* e engloba conceitos como hábitos, modos e costumes. Essas duas faces do ethos apresentadas por Aristóteles são opostas, mas elas não se excluem e formam duas características necessárias a qualquer atividade discursiva. (AMOSSY, 2016)

De acordo com Maingueneau (1993), o ethos não é dito explicitamente, e sim mostrado.

[..] O que o orador pretende ser, ele o dá a entender e mostra: não diz que é simples ou honesto, mostra-o por sua maneira de se exprimir. O ethos está, dessa maneira, vinculado ao exercício da palavra, ao papel que corresponde a seu discurso, e não ao indivíduo ‘real’, (apreendido) independentemente de seu desempenho oratório: é portanto o sujeito da enunciação uma vez que enuncia o que está em jogo aqui. (MAINGUENEAU, 1993, p. 138)

Ainda, o ethos é composto pelo discurso, o *logos* (“fala” e “razão”) do orador, e só podemos atribuir características a ele se levarmos em conta as escolhas feitas pelo orador durante seu discurso. Toda forma de expressão está relacionada às várias possibilidades linguísticas e estilísticas. Considerando que o ethos só se manifesta no discurso, fica evidente a contradição, apenas aparente, entre uma visão racionalista e uma visão retórica da argumentação, demonstrada por Aristóteles. (AMOSSY, 2016)

Mais ainda, o ethos se mostra no discurso de acordo com as escolhas feitas pelo orador. Para Maingueneau, essas escolhas estão ligadas, principalmente, à “maneira de se exprimir” (MAINGUENEAU, 1993, p. 138). Assim, podemos entender a tradução que ele fez dos termos fundamentais enumerados por Aristóteles que inspiram confiança: “ter ar ponderado” (*phrónesis*); “se apresentar como homem simples e sincero” (*areté*) e “dar uma imagem agradável de si” (*eúnoia*).

Para Maingueneau, existem duas razões para recorrer-se ao ethos, são elas: a relação com a reflexividade enunciativa e a relação entre corpo e discurso que ela implica. A instância subjetiva que se manifesta por meio do discurso não é apenas um estatuto ou um papel, ela também é revelada como uma “voz” e como “corpo enunciante” que está historicamente especificado e inscrito em uma situação, onde a enunciação ao mesmo tempo pressupõe e valida progressivamente. Ou seja, o discurso do sujeito não é apenas um conjunto de signos linguísticos, mas também sustenta uma ideologia intrínseca ao seu meio social. (MAINGUENEAU, 2016).

Assim, o ethos é traduzido, de forma bastante inapropriada, como “caráter” e está relacionado com a enunciação, não com um saber extradiscursivo sobre o enunciador. De maneira mais pragmática, podemos dizer que o ethos se desenvolve no registro do “mostrado” e, em consequência, no do “dito”. A eficiência do ethos está no fato de envolver a enunciação sem ser explicitado no enunciado.

Assim sendo, o ethos se mostra, ele não é dito. Se o ethos está decisivamente relacionado com a enunciação, devemos considerar que o público faz representações do ethos

do enunciador antes mesmo que ele fale. Dessa forma, podemos fazer a distinção entre *ethos discursivo* e *ethos pré-discursivo*. Ademais, há certos discursos em que o coenunciador não consegue pressupor representações prévias do *ethos* do enunciador e, mesmo que o coenunciador não tenha nenhum conhecimento prévio do caráter do enunciador, apenas o fato de que um texto pertence a um gênero discursivo ou a um posicionamento ideológico conclui perspectivas em matéria de *ethos*.

O *ethos* discursivo não pode ser separado da posição institucional do enunciador, pois ela e a legitimidade que ela atribui ao enunciador contribuem para a construção de uma imagem prévia. O *ethos* prévio pode ser confirmado ou modificado através da intenção que o enunciador tem com seu discurso. O enunciador origina-se a partir da construção de uma imagem de si que corresponde a uma distribuição de representações preexistentes. Dessa maneira, a imagem de si construída no discurso é característica da interação verbal e define a capacidade do enunciador de portar-se para seus comunicadores. (AMOSSY, 2016)

O *ethos* prévio (imagem preexistente do enunciador) estabelece uma dinâmica com o *ethos* discursivo. Isto é, o enunciador deve produzir um discurso que seja coerente com a sua intenção argumentativa, considerando a imagem que o auditório projeta dele. O *ethos* prévio condiciona a construção do *ethos* discursivo e pode contribuir para reelaborar o estereótipo que pode desqualificar o argumento do enunciador. (AMOSSY, 2016, p. 148). Portanto, a imagem preexistente pode modificar ou condicionar a construção do *ethos* no discurso, assim a análise argumentativa tem o objetivo de estudar a construção da imagem produzida pelo discurso e que interfere na representação prévia que o público cria do orador.

Ainda, a análise retórica se relaciona com a pragmática e com a reflexão sociológica, para pesquisar o *ethos* como construção discursiva. Por um lado, a pragmática permite trabalhar a materialidade do discurso e analisar a forma como o *ethos* é construído dentro da enunciação e do gênero do discurso. Por outro, a reflexão sociológica permite que a dimensão social do *ethos* seja destacada e permite que as posições institucionais sejam identificadas. Dessa forma, a construção discursiva, o imaginário social e a autoridade institucional auxiliam no estabelecimento do *ethos* e da troca verbal que o *ethos* participa. (MAINGUENEAU, 2016)

A construção do *ethos* a partir do discurso tem a capacidade de modificar as representações prévias e contribuir para a formação de imagens novas. Assim, a autoridade do enunciador é produzida pelo discurso, a partir de uma troca verbal com a intenção de produzir e fazer a legitimidade. Para a retórica, o dizer é um fazer na medida que agir sobre o auditório é levá-lo a construir imagens capazes de definir um comportamento. Assim, a construção de uma imagem de si é responsável por atribuir ao enunciador sua autoridade, logo, o *ethos* é uma

imagem de si construída no discurso e pode influenciar opiniões e atitudes. (MAINGUENEAU, 2016)

Maingueneau (2004) defende o ponto de vista de que o enunciado é o resultado da enunciação e se origina de um enunciador, um sujeito situado além do texto. Esse sujeito que enuncia remete a um ethos que se revela a partir da enunciação e sua eficácia se deve ao modo como ele se constrói discursivamente na enunciação.

Ademais, o ethos é válido tanto para manifestações discursivas orais quanto escritas. Estes possuem um tom de autoridade sobre aquilo que é dito e isto permite ao leitor construir um corpo para o enunciador. De acordo com o autor:

“o ethos implica, com efeito, uma disciplina do corpo apreendido por intermédio de um comportamento global. O caráter e a corporalidade do fiador provêm de um conjunto difuso de representações sociais valorizadas ou desvalorizadas, sobre as quais se apoia a enunciação que, por sua vez, pode confirmá-las ou modificá-las.” (MAINGUENEAU, 2004)

Maingueneau (2016) ainda propõe que qualquer discurso escrito possui uma vocalidade específica, o que permite que o discurso seja relacionado a uma fonte enunciativa, por meio de um tom que aponta para o modo como algo que se diz é dito. Por certo, a noção de ethos retoma não apenas a dimensão vocal, como também as determinações físicas e psíquicas conferidas ao personagem do orador pelas representações coletivas. A figura do enunciador é investida de caráter e corporalidade e construída discursivamente pelo coenunciador com base nos gestos, nos dizeres e no modo como este se mostra, pois o coenunciador é responsável por construí-la com base nos indícios textuais. O “caráter” condiz com a quantidade de traços psicológicos, já a “corporalidade” é associada à constituição física, à forma de se vestir e de se mover.

Assim, o ethos envolve um controle implícito do corpo, ou seja, o caráter e a corporalidade do fiador apoiam-se na disseminação de um conjunto de representações sociais que são valorizadas ou desvalorizadas, de estereótipos que a enunciação se apoia e que contribuem para reforçar ou transformar o discurso. O enunciador se reveste de um caráter e uma corporalidade para persuadir o público, levando-o a se identificar com os valores socialmente estabelecidos. Ou seja, incorporamos ao enunciador uma imagem com base no que vemos e também no que já conhecemos da sociedade.

Essa incorporação usada para denominar a maneira pela qual o coenunciador se relaciona ao ethos discursivo pode ser dividida em três registros indivisos: (I) a enunciação do texto é responsável por dar ao fiador uma corporalidade; (II) o coenunciador apropria-se de um

conjunto de esquemas que dizem respeito à forma de relacionar-se com mundo, em seu próprio corpo; (III) essas duas incorporações anteriores permitem a composição de um corpo, da comunidade imaginária dos que seguem um mesmo discurso. (AMOSSY, 2016)

Mas também podemos apontar um paradoxo nesse conceito de ethos, pois é por meio do enunciado produzido pelo enunciador que o seu dizer deve ser legitimado. Isso reforça a ideia de que não podemos separar o conteúdo da cena enunciativa. Assim, o coenunciador passa por dois processos de incorporação resultante da ação do ethos sobre ele, que são: o coenunciador atribui um ethos para o fiador; ele incorpora um conjunto de esquemas que definem um determinado sujeito, caracteriza seu jeito de ser no mundo. Por fim, essas duas incorporações permitem a criação de um corpo, o da comunidade imaginária daqueles que concordam com um mesmo discurso.

A complexidade de sentidos que um discurso “carrega” é imposta tanto pelo ethos como pela “doutrina”; as “ideias” identificam-se através de uma maneira de dizer que remete a uma maneira de ser. Ainda, o poder da persuasão advém da capacidade de levar o leitor a identificar-se com a movimentação de um corpo constituído por valores historicamente especificados. “Paradoxo constitutivo: é por seu próprio enunciado que o fiador deve legitimar sua maneira de dizer.” (MAINGUENEAU, 2016, p. 73)

O discurso manifesta-se em um acontecimento registrado em um espaço sócio-histórico. Não se pode separar a organização de seus conteúdos e modo de legitimação de sua cena discursiva. A principal noção de ethos supõe um ethos que poderia ser chamado de escritural em oposição ao tradicional ethos oral. O primeiro exige do leitor a atividade da elaboração imaginária por meio de indícios textuais variados, já o segundo impõe a fala imediata de um enunciador encarnado, portanto esses dois critérios são muito diferentes. (MAINGUENEAU, 2016)

Assim, o enunciador leva em consideração, em uma organização discursiva que funciona em um determinado sistema cultural e que implica representações, lugares e momentos de enunciação legítimos, uma base material e um modo de circulação para o enunciado. No interior da análise do discurso, não podemos definir o ethos como um meio de persuasão, como a retórica faz, mas sim considerá-lo como parte da cena enunciativa, conforme postula Maingueneau (2016).

2.4- Estereotipias na construção da imagem de si

A discussão proposta neste estudo nos direciona para uma reflexão acerca do estereótipo, que desempenha uma função relevante na construção do ethos. É fato que a ideia prévia que é construída do enunciador e a imagem de si que é produzida durante seu discurso não podem ser totalmente distintas. Assim, para serem reconhecidas pelo auditório, é preciso que sejam relacionadas com modelos culturais. Essa estereotipagem é um procedimento que nos leva a relacionar o real com uma representação cultural preexistente. Dessa forma, a comunidade pode avaliar e perceber o indivíduo através de um modelo pré-construído, segundo Maingueneau (2016).

No interior de uma concepção argumentativa, o estereótipo permite atribuir as maneiras de se mostrar particulares de um grupo e os conteúdos globais da crença comum e da opinião popular que ele integra. Logo, a ideia, certa ou errada, que o enunciador cria de seu auditório é responsável por orientar seu esforço para se adaptar a ele. A construção da imagem do auditório passa necessariamente pela estereotipagem, isto é, o orador adequa sua apresentação aos padrões que ele acredita que são valorizados por seu auditório e, para isso, o discurso lhe oferece todos os recursos necessários para compor a imagem do enunciador. Portanto, são as características relacionadas com a pessoa do enunciador e a situação na qual essas características se manifestam que permitem construir sua imagem, entretanto a construção dessa imagem sofre influência dos modelos culturais que facilitam a inserção das informações em uma estrutura preexistente. (AMOSSY, 2016)

Com base nessa ideia, ainda podemos avaliar as questões dos estereótipos. Os sentidos são atribuídos ao discurso não apenas por meio do ethos, mas também pelas ideias que o enunciador transmite, essas ideias se manifestam por meio da “maneira de dizer” que caracteriza a “maneira de ser” (MAINGUENEAU, 2004).

Ainda, a criação de percepções por meio do discurso ocorre de duas maneiras: pelo ethos e pelas ideias que transmitem, ou seja, a criação de uma imagem pelo coenunciador está relacionado àquilo que o enunciador transmite em seu discurso. Assim, o poder de persuasão de um discurso, em partes, corresponde a levar o leitor a se identificar com a enunciação repleta de valores. Deste modo, o ethos remete à imagem do fiador que por meio de sua fala atribui uma imagem coerente com o universo que construiu no seu enunciado.

Nesse contexto, a construção da imagem do fiador é influenciada pela presença de outras vozes que produzem marcas polêmicas que são carregadas pela enunciação. Portanto, o

discurso é marcado por uma encenação que pode ser dividida e analisada de acordo com elementos que não se restringem apenas à enunciação, mas que também se importam com o conjunto de elementos que compõem o ambiente em que a enunciação se passa. Essa encenação é analisada de forma mais detalhada nos próximos tópicos desta pesquisa.

2.5- Interdiscursividade na cena enunciativa

Mainueneau (2004) classifica o texto como as marcas deixadas por um discurso em que as falas são encenadas. Dessa forma, é possível apontar em uma enunciação três cenas enunciativas: cena englobante, cena genérica e cenografia. A cena de enunciação consiste no modo como um dado acontecimento se mostra nos textos e nos enunciados ou como devem ser considerados na descrição dos sentidos. A cena englobante corresponde ao tipo de discurso, ela é responsável por proporcionar ao discurso sua condição pragmática: literária, religiosa, filosófica etc. A cena genérica é a associação com um gênero, a uma “instituição discursiva”: o editorial, o sermão, o guia turístico etc. Por fim, a cenografia não supõe um discurso produzido em um espaço já definido, ela considera a enunciação como principal responsável por desenvolver seu dispositivo de fala.

Assim, a cena englobante e a cena genérica definem o quadro cênico do texto. O quadro cênico é o responsável por definir o espaço fixo no qual o enunciado adquire sentido. Devemos ser capazes de apontar a cena englobante para conseguir interpretar os enunciados. Segundo Mainueneau:

“Dizer que a cena de enunciação de um enunciado político é a política, ou que a cena de um enunciado filosófico é a cena englobante filosófica etc. é insuficiente: um co-enunciador não está tratando com o político ou com o filosófico em geral, mas sim com gêneros de discurso particulares.”
(MAINGUENEAU, 2004)

Por último, é com a cenografia que o leitor se depara de imediato, e não o quadro cênico. A cenografia faz com que o quadro cênico seja transportado para o segundo plano, isto é, antes de perceber a que gênero do discurso determinado enunciado integra, o leitor/coenunciador se depara com a cenografia transmitida pelo texto. Além do mais, a cenografia não consiste apenas em um quadro, como se o discurso fosse construído em um espaço já feito e independente dele próprio, mas na enunciação que se desenvolve para compor o seu próprio dispositivo de fala.

A fala constrói uma situação de enunciação que aos poucos vai sendo validada pela própria enunciação, é o que o autor denomina enlaçamento paradoxal. Segundo o autor: “a cenografia é ao mesmo tempo a fonte do discurso e aquilo que ele engendra” (MAINGUENEAU, 2004, p 87). Ela é usada para legitimar um enunciado e esse enunciado deve legitimá-la e pode variar de acordo com a intenção do texto. Logo, se um texto busca convencer seu leitor, a cenografia deve estimular a imaginação e atribuir uma identidade.

Para exemplificar esses conceitos, podemos citar uma propaganda da marca de absorvente Always, lançada em 2015 durante o intervalo do Super Bowl, intitulada “Like a girl” (“Como uma menina”). Nessa propaganda, alguns adultos são convidados para fazerem coisas “como uma menina”, como correr e lutar. Todos eles fazem todas as atividades propostas de uma forma engraçada e ofensiva. Por outro lado, as meninas que são chamadas para fazer as mesmas coisas realizam as atividades propostas com muita determinação e orgulho. A intenção desse comercial é mostrar como as meninas passam por uma fase de mudanças e de vulnerabilidade durante a puberdade e falar sobre isso ajuda na quebra do estereótipo de que mulher é o sexo “frágil”.

Portanto, com base nesse exemplo, podemos dizer que a cena englobante é o discurso publicitário e a cena genérica é a propaganda. Além disso, foi divulgado em um dos maiores eventos dos EUA e tinha como objetivo promover a reflexão em homens e mulheres sobre os paradigmas culturais que são perpetuados sobre as mulheres. A cena de enunciação contribui para que o público-alvo consiga interpretar a mensagem que o comercial deseja transmitir.

Enfim, a cenografia desse comercial contribui com o propósito de estimular a reflexão nos telespectadores, embora o objetivo maior seja a divulgação de um produto. Quando a propaganda começa, percebe-se que ela está sendo gravada dentro de um estúdio com câmeras e uma diretora (quadro cênico), mas quando percebemos a diferença entre a encenação dos adultos e das meninas, o espaço no qual se passa o comercial perde a importância. A cenografia é responsável por estimular a imaginação do público-alvo e, neste caso, provocar a reflexão sobre o assunto abordado pelo comercial, mas também promover a venda de um produto.

Além disso, quando analisamos os elementos que compõem a cena de enunciação, é possível identificarmos o desentendimento parcial do discurso, pois a polêmica do discurso está no Outro e também no fato de se reconhecer uma comunidade enunciativa e, conseqüentemente, negar outra. É a partir dessas circunstâncias que é possível reconhecer a existência da relação entre o “Outro” e o “Mesmo” no discurso. Essa relação será analisada com mais detalhes no próximo tópico desta pesquisa.

3- A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA MULHER

Vivemos em uma sociedade marcada pelo patriarcado, ou seja, nossa sociedade é estruturada a partir de princípios misóginos que favorecem homens brancos, cisgêneros e heterossexuais. Dessa forma, dentro de uma cultura patriarcal, a figura do homem assume uma posição de autoridade política, moral e religiosa sobre a mulher e os filhos. Vale ressaltar que isso é uma construção social e histórica, resultante de vários aspectos mais complexos, assim o termo patriarcado refere-se à relação autoritária do homem dentro da sua casa, mas atualmente é um termo muito usado por movimentos feministas que buscam lutar contra a problemática social que é a masculinidade.

Simone de Beauvoir (2009), no seu livro “Segundo Sexo”, discorre sobre as desigualdades entre homens e mulheres na nossa sociedade, desigualdade essa que tem início desde quando somos crianças e somos ensinados de formas diferentes. A autora nos mostra como isso impacta na nossa formação como sujeitos. Existem padrões comportamentais que são passados de pais para filhos e isso define como meninos e meninas devem se comportar na sociedade. A autora faz uma análise dos processos de tornar-se mulher, uma vez que esse processo é uma construção social. Segundo a autora:

“[...] quando um indivíduo ou um grupo de indivíduos é mantido numa situação de inferioridade, ele é de fato inferior; mas é sobre o alcance da palavra ser que precisamos entender-nos; a má-fé consiste em dar-lhe um valor substancial quando tem o sentido dinâmico hegeliano: ser é ter-se tornado, é ter sido feito tal qual se manifesta. Sim, as mulheres, em seu conjunto, são hoje inferiores aos homens, isto é, sua situação oferece-lhes possibilidades menores: o problema consiste em saber se esse estado de coisas deve se perpetuar.” (BEAUVOIR, p.25, 2009)

Beauvoir (2009) escreveu esse livro quase sete décadas atrás e a sociedade ainda se mostra machista e patriarcal – as mulheres continuam sendo tratadas como inferiores e sendo subjugadas. Nessa perspectiva, podemos dizer que desde pequenas as meninas são ensinadas a desistirem de sonhos e objetivos e aceitarem que seu destino é casar, ter filhos e cuidar da casa. Muitas mulheres ainda são educadas para agradar aos homens e para ocupar um espaço social que já está pré-estabelecido. Dessa forma, perdemos o papel de protagonistas nas nossas vidas e algumas mulheres acabam por aceitar situações de violência, humilhação e desrespeito por acreditar ser isso que merecemos.

Wolf (2018) afirma que, a partir da década de 1970, quando a mulher começou a conquistar mais sua independência e seu espaço na sociedade (como o direito ao voto, o acesso ao ensino superior e direitos legais e reprodutivos etc) o patriarcado encontrou outra forma de

impedir o progresso dos movimentos feministas e da busca pela igualdade. Dessa forma, a pressão começou a aumentar sobre seus corpos, suas belezas e um padrão de beleza passou a ser vendido pela indústria. Segundo a autora, “quanto mais numerosos foram os obstáculos legais e materiais vencidos pelas mulheres, mais rígidas, pesadas e cruéis foram as imagens da beleza feminina a nós impostas.”(WOLF, p 23, 2018)

Com base nessas discussões acerca da construção social da mulher, na construção do ethos e da estereotipagem, podemos analisar casos de violência doméstica, que efeitos eles podem ter na vida da mulher, tanto fisicamente quanto emocionalmente, bem como os impactos que a mulher sofre ao ser silenciada, violentada e submissa a um relacionamento e de que maneiras o estereótipo da mulher que passa por esses abusos é construído pela sociedade. Além disso, podemos refletir sobre as mudanças na imagem da mulher antes, durante e depois da violência doméstica, sobre as fases do ciclo da violência doméstica e como a mulher está sempre em situação de constante perigo e medo.

Para exemplificar o que foi dito, podemos citar uma série da Netflix lançada no ano de 2021 chamada “Maid” (empregada em inglês) que conta a história de uma mulher que, durante muitos anos, sofreu violência doméstica de diferentes naturezas, e como foi seu processo para sobreviver e superar essa violência, além das suas dificuldades para lidar com uma sociedade que não aceita o divórcio e a maternidade solo. Durante o desenrolar da história, percebemos como as condições físicas e mentais da personagem vão mudando de forma gradual: ela passa por um processo de reconstrução da sua imagem antiga para apagar a imagem da mulher abusada.

Para entendermos ainda mais esse processo, focaremos o episódio nove da série. Nesse momento da série, a personagem principal (Alex) já havia reconciliado com seu ex-companheiro e voltou a morar com ele. Como previsto, a relação dos dois começa a piorar e a se tornar ainda mais violenta. Quando volta a morar com seu companheiro, Alex para de trabalhar, tem o celular e o carro confiscados por ele, sendo proibida de sair de casa. O que chama a atenção nesse episódio é o modo como a personagem é retratada na série. Sempre que está acontecendo alguma coisa ou as pessoas estão conversando ao seu redor, Alex é mostrada como estando no fundo de um poço.

Após uma briga muito agressiva com seu companheiro, Alex volta para o abrigo apenas com a roupa que usava e a filha nos braços, disposta a nunca mais voltar com ele. Assim, ela é convidada a ir à loja do abrigo e escolher algumas roupas. Nesse momento, a personagem não consegue lembrar qual é a sua cor favorita para escolher uma roupa, é possível notar seu desconforto ao tentar realizar essa simples tarefa. Ela passou por momentos difíceis que se

deixou de cuidar de si mesma, perdeu sua autoestima. Porém, quando a série mostra *feedbacks* da vida dela, é possível notar como Alex, antes do relacionamento abusivo, era reluzente, feliz e confiante. Após anos de abuso, ela aparenta estar mais cansada, pálida, sem confiança e passa a andar apenas com a cabeça baixa, tudo isso caracteriza o silenciamento a que foi imposta e a perda da própria imagem. No tópico a seguir, vamos aprofundar a discussão sobre a violência doméstica a partir da análise de um relato de vida.

4- A CONSTRUÇÃO SOCIAL E DISCURSIVA DA MULHER VÍTIMA DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), desde 2013, o Brasil ocupa o 5º lugar no ranking de 83 países que mais matam mulheres¹. Segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2021², em 2020, nosso país registrou 3.913 homicídios contra mulheres, com 230.160 casos de lesão corporal dolosa por violência doméstica, registrados na polícia civil. Foram 1.350 feminicídios, dos quais 61,8% foram cometidos contra mulheres negras. Além disso, uma pesquisa do DataSenado (2021)³ revelou que 68% das 3 mil mulheres entrevistadas conhecem alguém que já passou por violência doméstica e 27% das entrevistadas declararam já terem sofrido agressão de um homem.

Atualmente, existem diversas ONGs, leis, projetos, profissionais e movimentos que buscam ajudar mulheres a sair de relacionamentos abusivos e violentos. Assim, a necessidade de debater mais sobre esse assunto e de incentivar as mulheres a denunciarem e não ficarem caladas aumentou. Constantemente, vemos campanhas e propagandas que encorajam as mulheres a buscarem ajuda. Em virtude disso, os estudos sobre a violência doméstica aumentaram. O ciclo desse tipo de violência se estabelece, na maior parte dos casos, da seguinte forma: aumento da tensão, ato de violência e lua de mel⁴. Nessas três fases, a mulher sofre vários tipos de violência (física, moral, psicológica, sexual e patrimonial), que podem ser praticadas de maneira isolada ou não. Conhecer esse ciclo torna menos difícil entender o que as mulheres passam e qual a melhor forma de ajudá-las.

¹ Disponível em: <<https://www.institutomariadapenha.org.br/violencia-domestica/o-que-e-violencia-domestica.html>> Acesso em: 10/03/2022.

² Disponível em: <<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/07/anuario-2021-completo-v6-bx.pdf>> Acesso em: 22/03/2022.

³ Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/12/09/violencia-contra-a-mulher-aumentou-no-ultimo-ano-revela-pesquisa-do-datasenado>> Acesso em: 22/03/2022.

⁴ Disponível em: <<https://www.institutomariadapenha.org.br/violencia-domestica/ciclo-da-violencia.html>> Acesso em: 22/03/2022.

Com a pandemia do Covid-19, os casos de violência doméstica aumentaram drasticamente visto que as mulheres foram obrigadas a ficar em isolamento social dentro de casa com seus parceiros. Tendo em vista esse fato, algumas atrizes famosas se mobilizaram para desenvolver um canal no YouTube com relatos sobre violência doméstica (VD) que pudessem de alguma forma ajudar e encorajar as mulheres que estivessem passando por situações semelhantes. O canal “Confessionário - Relatos de Casa”, desenvolvido durante a quarentena, aborda relatos de violência doméstica por meio de diversos depoimentos de vítimas sob a direção de Deborah Finocchiaro e Luiz Alberto Cassol. Ao final de cada episódio, a advogada Gabriela Souza, especializada em tratar de casos de violência doméstica contra a mulher, traz orientações voltadas para vítimas e público em geral no intuito de instruir sobre esse delicado tema. A partir da segunda temporada, as atrizes passaram a relatar a própria história de violência sofrida por elas.

O principal objetivo desse projeto é encorajar as mulheres a falar sobre as situações de violência doméstica que foram submetidas, mas também mostrar para essas mulheres que elas não estão sozinhas. Logo, quanto mais mulheres darem voz ao seu sofrimento e superarem o silêncio que sofrem, mais mulheres farão o mesmo e irão procurar ajuda. Para compor o corpus deste trabalho, foi escolhido o episódio três da terceira temporada da websérie, o relato de Suzete Martinez.

Nesse episódio da websérie, a vítima Suzete Martinez de 61 anos, relata sua experiência com um relacionamento abusivo e a violência doméstica sofrida por ela. Para entender um pouco mais sobre sua história, Suzete conta um pouco mais sobre sua família, começando pelo pai que tinha problemas psiquiátricos e pela mãe que sofria muito tentando ajudá-lo. Desde muito jovem, ela tinha planos de sair de casa e conquistar sua própria independência e viu essa oportunidade ao conhecer seu primeiro namorado ainda na adolescência.

Segundo Suzete, o começo do namoro dos dois foi muito bom, ela era muito bem tratada e se sentia amada por seu namorado. De acordo com ela, *“E de todas as meninas a que ele escolheu para ser a namorada dele fui eu! Isso pra mim era uma vitória [...]”* (2:07 - 2:24). Com algum tempo de namoro, seu ex-companheiro a pediu em casamento e a convidou para deixar o interior e mudar para Porto Alegre. Mesmo sem o apoio da sua família, que a achava muito jovem, Suzete aceitou e se mudou com o marido. Porém, já no primeiro dia morando na cidade nova, ela começou a notar diferenças no comportamento do marido, ele passou a ser mais obsessivo, ciumento, agressivo e violento. O casamento durou sete meses de muita violência e humilhação.

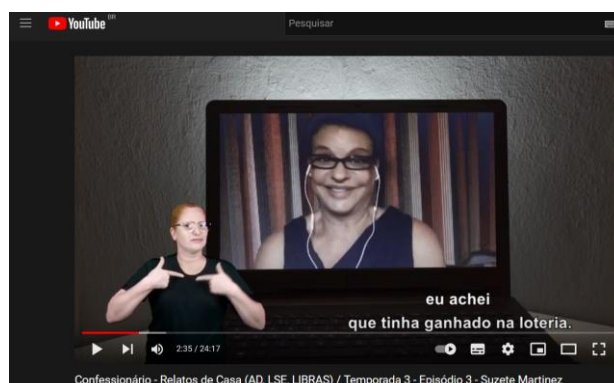


Figura 1

Na imagem retratada na Figura 1, Suzete conta como foi o começo do relacionamento com seu ex-companheiro. Apesar de a família ir contra um casamento tão cedo, Suzete se sentia muito especial por ter sido escolhida pelo companheiro e acreditava amá-lo. Ela relata, “*Eu briguei bastante em casa porque minha mãe achou um absurdo, eu era muito nova para casar. Mas eu sempre fui muito voluntariosa e consegui o que queria.*” (2:41 - 2:50). Ela sorri ao lembrar do início de sua história e também sorri ao lembrar do pedido de casamento. Desde o começo, ela sabia que seu marido era ciumento e isso só passou a ser um problema quando eles se mudaram para longe da família. Assim, o lugar de fala que a Suzete ocupa caracteriza a forma como seu discurso é organizado e, ainda, é afetado pelos processos de silenciamento sofridos pela vítima.

Ao narrar sua história, Suzete constrói uma imagem de si para o público da websérie, assim projeta esse público. Mostra para esse público o ethos de uma mulher forte, determinada que passou por momentos de sofrimento, de violência doméstica, mas que tomou a atitude correta ao romper um relacionamento abusivo. Assim, o ethos se manifesta no discurso de acordo com as escolhas do orador. Ao estruturar o seu dizer, Suzete compartilha conosco os abusos que sofreu e nos permite construir o ethos que vai se mostrando à medida em que ela

narra a sua história. Auxiliam nessa construção, os gestos, as feições e o modo como ela diz de si e de seu ex-companheiro.



Figura 2

A imagem de Suzete é construída pelo público mesmo que ele não possua nenhum conhecimento prévio de seu caráter, apenas o fato de que esse relato pertence a um posicionamento ideológico contribui para a construção do ethos dela. A segunda imagem busca situar o momento em que ela está narrando como era seu casamento. Já na primeira manhã de casados, seu marido começou a apresentar atitudes ciumentas e grosseiras com ela, impedindo-a de sair do quarto e de fazer o que queria. Ao longo do vídeo, é possível notar como a expressão facial e o tom de voz assumido por ela mudam, desconstruindo a imagem de uma mulher sonhadora e feliz, passando à construção de uma mulher assustada e confusa.

A imagem que a vítima deseja construir de si mesma é mostrada através da sua maneira de se exprimir. Dessa forma, a construção do ethos está relacionada com o discurso em funcionamento e não no sujeito em si. Independente da capacidade oratória de Suzete, ela é responsável pelo discurso e pela construção de sua imagem através dele, uma vez que ela relata sua experiência com a violência doméstica.

Assim, a constituição do ethos a partir de um discurso é capaz de mudar as imagens prévias e contribuir para a formação de imagens novas, de outras feições e outras atitudes. Essa feição é mostrada na mudança do semblante de Suzete. Em seu relato, ela compara o tempo de casada com um cativo, visto que, quando seu marido saía para trabalhar, ela ficava trancada com cadeado dentro de casa. Segundo ela. *“Eu era uma menina super bem tratada na minha cidade pelos meus pais, embora com problemas. E estava vivendo aquilo, que era um inferno para mim.”* (4:54 - 5:04). A partir desse ponto, o relato de Suzete traz as situações de violência vivenciadas por ela, a voz passa a ser mais forte. Ela mostra angústia, abaixa a cabeça e se mostra para o público como um sujeito que ainda carrega as marcas da violência sofrida. Todas

essas situações que são compartilhadas mostram como os meses de violência doméstica contribuíram para o silenciamento e o apagamento da imagem da mulher. Ao narrar sua história, ela rompe as barreiras desse silenciamento. Podemos perceber isso quando ela relata, *“E eu sempre olhando para baixo porque ele não me deixava olhar para cima. Eu tinha que olhar para baixo.”* (5:49 - 5:53).

Conforme dito anteriormente, os vídeos do canal “Confessionário – Relatos de casa” foram gravados durante a pandemia do COVID-19, que causou um aumento significativo da violência doméstica. Inicialmente, as atrizes gravavam os relatos de outras mulheres e a imagem construída por elas remetiam a um outro sujeito, evocado por meio das narrativas. Elas reproduziam as possíveis feições, o tom e a corporalidade da mulher vítima de violência e, de certo modo, rememoravam suas próprias histórias.

A partir da segunda temporada, as atrizes passaram a narrar suas histórias. Essa tomada de atitude mudou o modo como elas se mostravam para o público, já não era mais uma representação do outro, mas uma representação de si mesmas, suas dores, suas memórias particulares que se mesclavam à memória social da violência contra a mulher. Os relatos que compõem cada temporada foram gravados na residência de cada mulher e esse conteúdo foi compartilhado pelo Youtube. Os relatos mostram que a violência doméstica se tornou ainda mais intensa visto que muitas mulheres foram obrigadas a cumprir com o isolamento social e ficar trancadas em casa com seus companheiros.

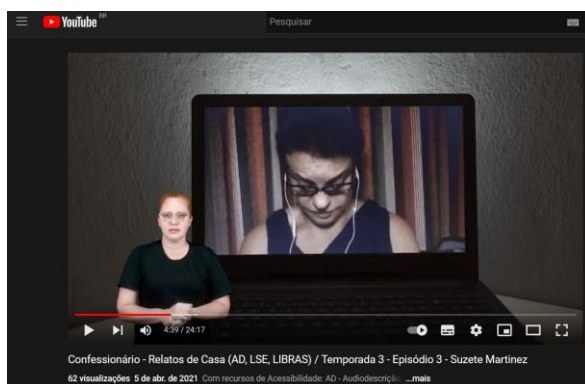


Figura 3

A figura 3 busca mostrar a sequência em que Suzete conta abusos mais agressivos que aconteciam com ela. A cena é marcada pelo choro, pelas lembranças do sofrimento. Ela se mostra ao mesmo tempo forte e sensível, cabisbaixa, como se tivesse vergonha de contar sua história. Segundo ela. *“[...] minha vida tinha virado um inferno [...]”* (7:29 - 7:30). Assim,

podemos analisar que a cena enunciativa do vídeo é construída em torno do depoimento sobre e contra a violência doméstica que o canal promove e o incentivo para que as mulheres não sofram caladas e denunciem todas as situações de abuso.

Além disso, a cena genérica, traz o relato de vida, cuja cena englobante nos remete ao discurso sobre a violência doméstica. A cenografia do vídeo é responsável por legitimar o relato da vítima e encorajar as mulheres a não terem medo e/ou vergonha de relatar situações como essa. Ou seja, a imagem da mulher abusada, o modo como ela diz e os seus gestos contribuem para a construção da cenografia. Portanto, é através da percepção de como o sofrimento afetou a vítima que outras mulheres podem se identificar e buscar ajuda. Isto é, a cenografia é construída pela projeção da mulher que diz, pelos dizeres que ela profere, o tom de voz, o gênero do discurso utilizado na construção do dizer. É na enunciação que Suzete compõe o seu próprio dispositivo de fala. Embora a cena enunciativa seja o relato pessoal da vítima sobre a violência doméstica, é válido pontuar que o público não está lidando com a VD de uma forma geral, mas sim com o gênero de discurso utilizado pela vítima para compartilhar sua história.



Figura 4

Nesse ponto, Suzete não consegue parar de chorar ao comparar como era bem tratada pela família na cidade natal e como passou a ser tratada por seu companheiro. Mais uma vez ela desabafa e diz não entender o porquê de ter passado por algo assim e nem como ele poderia ter mudado tanto em tão pouco tempo. Nesse sentido, a construção do ethos também retoma elementos físicos e psíquicos. Isso nos leva a projetar os efeitos que a violência doméstica teve na vítima a partir da dificuldade de se interagir com outras pessoas, ainda que essa interação se dê por meio da gravação de um depoimento. A cabeça baixa compõe a cena em que os dizeres não trazem mais o tom de segurança, mas de insegurança, de vergonha, de medo e de dor.

Suzete conta que, quando saía de casa com seu companheiro, ela temia o ciúme exagerado dele e ficava sempre com a cabeça baixa e não falava para evitar confusão. De

acordo com a vítima, *“Eu não podia olhar para cima. Se eu olhasse para cima ou levantasse um pouco o pescoço eram agressões disfarçadas [...]”* (12:20 - 12:31). Outra consequência que a violência doméstica gera é a interdição, ou seja, aquilo que pode ou não ser dito em determinada instância social. Essa interdição pode partir de diversas instâncias sociais, inclusive da instância doméstica. Ao narrar os momentos de violência sofridos, a mulher começa a se sentir insegura para falar em público, mesmo estando em casa. Essa cena instaura a primeira fase do ciclo da violência: o aumento da tensão. O sofrimento evocado por meio do dizer se materializa no tom e na corporalidade assumidos por ela. Dessa maneira, é possível perceber que o discurso é controlado, organizado e redistribuído por procedimentos que consideram os poderes e os perigos que ele pode ter.

Em sequência, Suzete relata a primeira vez que sofreu violência física de seu companheiro, o que representa a segunda fase do ciclo da violência: o ato violento. Com base no fato narrado, podemos notar como o direito de dizer é desigual na sociedade por motivos históricos, isto é, o ex-marido de Suzete acredita ter mais direitos que ela, além de se achar superior e proprietário dela. A atitude dele é condizente com uma sociedade patriarcal e uma cultura machista. Ademais, podemos perceber a complexidade dos processos responsáveis por definir o lugar de fala dos sujeitos e as diversas formas de silenciamento pelos quais Suzete passou e que se mostram presente em sua fala.



Figura 5

Dando seguimento ao vídeo, ela continua a relatar os abusos que sofria e divide com o público sua indignação ao lembrar que ninguém a ajudou. Muitas pessoas presenciaram as agressões sofridas por ela, mas ninguém fazia nada. Essa fala remete a uma memória social de que *“em briga de marido e mulher não se mete a colher”*, legitimando as atitudes assumidas

por ele em relação a sua companheira – o homem tem certo “poder” sobre sua mulher, então é comum as pessoas não tomarem atitude diante de uma relação abusiva.

De acordo com os estudos de Simone de Beauvoir, quando um grupo de sujeitos, nesse caso as mulheres, é inferiorizado ele passa a ocupar a posição de inferior. É fato que atualmente as mulheres são inferiores aos homens e têm oportunidades menores, mas a grande questão desse problema social é saber se coisas como essas devem continuar sendo perpetuadas. Assim, estimular a denúncia e buscar o fim do tabu sobre os abusos que a mulher sofre contribui para que as mulheres alcancem seu lugar de igualdade na sociedade.

Na sequência do vídeo, Suzete relata um episódio em que os dois estavam em um mercado e uma mulher a elogiou, mesmo ela estando de cabeça baixa ao lado do marido. Ela diz que essa foi a primeira “coisa legal” que aconteceu com ela em muito tempo, pois sua vida tinha se transformado em um inferno e as situações de abusos que sofria fizeram com que ela se apagasse, esquecesse de sua beleza, de seu valor. Também, podemos notar nesse ponto a influência dos padrões de beleza estabelecidos pela sociedade na construção da imagem da vítima, pois passamos tanto tempo tentando nos encaixar em uma beleza “perfeita” que estranhamos elogios sinceros. Isso acontece pois quanto mais dificuldades e obstáculos são superados pelas mulheres, maior é a pressão e a cobrança em cima de seus corpos.

Além de relatar todas as agressões, Suzete afirma que perdeu a vontade de sair de casa e se tornou uma prisioneira do seu marido, tanto psicologicamente e emocionalmente, como fisicamente – o que nos remete à ideia de autossilenciamento. Segunda Suzete, *“Eu vivia tão envergonhada, tão humilhada que eu não fazia nada.”* (12:58 - 13:07). Ela conta ter chegado em um momento em que não conseguia mais pensar, só lutava para sobreviver. Suzete acreditava ter a mesma sina que a mãe dela, que o certo era sofrer na mão de quem amamos. Isso se deve a padrões sociais de que a menina deve ser ensinada a sempre se calar e abaixar a cabeça para o homem. Fugir desses padrões nunca é fácil. O estereótipo de mulher submissa, evocado por uma sociedade patriarcal e machista, perpassa grande parte do relato de vida de Suzete.

Em uma discussão muito violenta, ela acabou desmaiando e, quando acordou, no dia seguinte, seu marido estava diferente, mais calmo, prometendo levá-la para passear e ir ao cinema. Esse fato caracteriza a terceira fase do ciclo da violência: a lua de mel. Essa última fase do ciclo é marcada pelo arrependimento do homem e a mudança de comportamento para conseguir a reconciliação. Assim, a mulher se sente pressionada a manter seu relacionamento visando atender às projeções sociais sobre si, principalmente quando o casal tem filhos. Dessa forma, a mulher continua renunciando a seus direitos e recursos por acreditar que seu marido

“vai mudar”, mas também ela se sente responsável pelo sentimento de remorso dele, o que aumenta a relação de dependência entre a vítima e o agressor. Por fim, a mulher sente uma mistura de confusão e medo e a tensão entre os dois volta e o ciclo recomeça.



Figura 6

Quase no final do relato, Suzete conta como obedecia seu parceiro por medo das agressões, como ela sempre tinha que estar com a cabeça baixa, logo a violência passou a ser ainda mais constante e ela não podia sair sem a companhia dele. A partir desse ponto, ela compartilha com o público sua indignação por ter se calado e obedecido seu companheiro por tanto tempo, mas ela não sentia isso porque se arrependia, ela apenas não conseguia entender porque achava que merecia passar por esse tipo de abusos.

Desse modo, podemos notar que sua expressão começa a mudar e no lugar de tristeza ela passa a expressar raiva e indignação. Por último, ela relata não saber quando ou como, mas “a velha Suzi volta”. Ela afirma que estava no limbo, mas se lembra de um ônibus que ia para sua cidade um tempo antes de seu marido sair do trabalho, assim ela juntou suas coisas e a chave da casa e foi embora. Mesmo indo atrás da liberdade, ela foi até a rodoviária olhando para o chão, ainda se sentindo com muito medo de ele descobrir e ir atrás dela. De acordo com seu relato, “*Eu não sei em que momento a velha Suzi voltou. [...] Eu fui até a rodoviária olhando para as calçadas.*” (14:35 - 15:16). Nesse ponto, ela reconstrói a imagem antiga para apagar a imagem da mulher abusada e conseguir sair do ciclo da violência doméstica.



Figura 7

Para finalizar o relato, Suzete conta como conseguiu se fortalecer com a ajuda da família e dos amigos. Segundo ela, *“Eu passei o ano seguinte na minha cidade me fortalecendo através da minha família, através dos meus amigos de verdade, porque teve muita gente que me virou as costas.”* (17:02 - 17:12). Porém, nesse processo perdeu pessoas que achavam errado ela ter se divorciado apesar de todos os abusos. Ela sente pena da menina que era, mas hoje ela perdoa a si mesmo por tudo o que aconteceu. É válido ressaltar que não existe um perfil específico para as vítimas de violência doméstica, mas passar por diferentes tipos de violência dentro de casa transforma a mulher em alguém que ela não era, submete-a ao silenciamento e à culpa constantes. Portanto, quando a vítima relata perder apoio por ter se separado, ela quebra o estereótipo da mulher abusada e cria uma imagem nova de si, é por meio de uma memória discursiva que ela constrói essa nova imagem para si.

Tendo em vista de que o ethos é uma imagem de si construída por meio do discurso e que essa projeção de si pode influenciar opiniões e atitudes, relatos de vida como esses, em que as mulheres compartilham suas experiências, incentiva outras mulheres a tomarem uma atitude semelhante e por fim a um ciclo de violência. O projeto “Confessionário – Relatos de casa”, se constitui como uma forma de dar voz às mulheres que há muito tempo são caladas por uma cultura machista que promove na mulher uma vergonha de relatar os abusos e pedir ajuda. Para construir a imagem do fiador, o auditório passa pela estereotipagem, ou seja, sofre influência dos modelos culturais, então as mulheres que dão voz ao seu sofrimento quebram o paradigma de que a mulher abusada deve abaixar a cabeça e se sentir culpada.

Por fim, Suzete termina o vídeo dizendo que os tempos são outros, existem muitos meios pelos quais as mulheres podem pedir ajuda e socorro e que, por sermos fortes e corajosas, não merecemos passar por isso. Sua expressão no final do vídeo é de muito orgulho e coragem. Ela se mostra para o público de cabeça levantada, mais ativa, utilizando um tom e assumindo

uma compleição corporal de uma mulher forte e determinada. Não se mostra mais cabisbaixa e levanta a voz – a mudança de imagem é marcada pela atitude assumida por ela. Suzete reconstrói uma imagem sua mais forte e mais corajosa.

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão sobre violência doméstica tem aumentado cada vez mais. Muitas mulheres têm conseguido romper o ciclo de violência, denunciando os abusos que sofrem de seus companheiros e procurando ajuda para reconstruir sua história. Com a pandemia do COVID-19, os casos de VD se intensificaram visto que tivemos que cumprir um isolamento social, assim muitas mulheres passaram ainda mais tempo em casa com seus companheiros. Dessa forma, passamos por um momento em que falar sobre a violência contra as mulheres ganhou ainda mais urgência e importância.

Com base na análise desenvolvida neste trabalho, podemos concluir que existem diversas consequências causadas pela violência doméstica nas mulheres que podem ser tanto físicas quanto emocionais. Projetos como o “Confessionário - Relatos de casa” incentivam as mulheres a falar sobre suas experiências e a quebrar o tabu que existe em torno desse assunto. Além do mais, é possível notar, por meio dos recursos linguísticos usados por ela, como o silenciamento é doloroso e pode afetar em muitos aspectos a vida da mulher, como a autoestima, a aparência etc.

Ainda, os estudos na área da Análise do Discurso contribuem para que possamos analisar as situações do nosso cotidiano de forma mais reflexiva e entender como os estudos linguísticos contribuem para a compreensão de nossas práticas discursivas. Dessa forma, a AD contribui para que possamos notar as consequências da violência doméstica nas mulheres do nosso convívio, isto é, a partir da análise realizada neste trabalho, podemos identificar características das violências que a mulher sofre no seu modo de falar, andar e interagir na sociedade. É importante que saibamos identificar essas características para que possamos ajudar essas mulheres e evitar ainda mais feminicídios.

Além disso, é importante que nós, mulheres, sejamos capazes de identificar situações de violência em nossos relacionamentos. Nossa luta por direitos iguais não se resume apenas às questões políticas e científicas, mas também ao respeito e à nossa segurança. Precisamos reconhecer as influências e prejuízos que o patriarcado causa em nossas vidas e lutar contra ele para conseguirmos protagonismo da nossa própria história.

Como todas nossas práticas sociais são afetadas pela linguagem, precisamos entender como esta se manifesta em situações de violência doméstica. Também, devemos entender como os estereótipos da mulher em situação de violência doméstica são criados pela sociedade e de que forma eles ajudam ou não para que a mulher reaja aos abusos que sofre. Este estudo ainda contribui para que consigamos identificar as situações de silenciamento a que somos submetidas, para questioná-las e buscar conquistar ainda mais espaço na sociedade.

Como mulher e professora, é importante saber identificar questões como as que são tratadas neste estudo, principalmente para conseguir promover discussões nas salas de aulas e conseguir formar cidadãos mais responsáveis que respeitem a igualdade de gêneros e as orientações sexuais. Ademais, precisamos ter consciência de como nossos corpos são objetificados e padronizados pela indústria da beleza, com o objetivo de usar nossas belezas e corpos para nos silenciar e nos colocar em lugares sociais pré-determinados.

Ainda, é necessário que nós mulheres saibamos identificar como a violência se manifesta nos discursos. Os estudos linguísticos nos ajudam a ter um olhar mais reflexivo para nossas práticas discursivas, dessa forma podemos identificar os procedimentos de silenciamento e de interdição que estamos sujeitos o tempo todo. Também podemos analisar a relação do sujeito com a sociedade, com os sentidos e compreender os significados de ideologia e a relação dela com as construções sociais.

Por fim, com a realização deste trabalho, foi possível compreender um pouco mais sobre a luta da mulher para conquistar seu lugar na sociedade. A imagem da mulher é apagada por causa dos abusos que passa, mas, ao se libertar de seu opressor, ela consegue reconstruir sua imagem. Isso só é possível se ela conseguir recuperar a vontade de se sentir livre e de reconstruir uma memória de si dos momentos em que se sentia mais feliz. É importante compreender que as mulheres precisam ter espaço para dar voz às suas opiniões, para relatar os abusos pelos quais passam e precisam. O relato de uma mulher vítima de violência pode ajudar outras mulheres a também relatarem suas histórias e a desconstruir a estereotipia de que a mulher deve ser submissa a seu companheiro.

6- REFERÊNCIAS

AMORIM, Márcia Fonseca de. **O discurso da e sobre a mulher no funk brasileiro de cunho erótico: uma proposta de análise do universo sexual feminino** / Márcia Fonseca de Amorim. -- Campinas, SP : [s.n.], 2009.

AMOSSY, Ruth (Org.). **O Ethos na intersecção das disciplinas: Retórica, Pragmática, Sociologia dos Campos**. Imagens de si no discurso: a construção do ethos. São Paulo: Contexto, 2016.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida**, volume 2. Tradução Sérgio Milliet. – 3 ed – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

CANO e CELESTINO, 2019. **Lugares interincompreensivos e ambivalentes em anúncios publicitários que topicalizam a sexualidade**. In: Discurso e cultura : volume 2 / Jarbas Vargas Nascimento, Anderson Ferreira (orgs.). -- São Paulo : Blucher, 2019. 188-212.

EGGS, Ekkehard. 2016. **Ethos Aristotélico, Convicção e Pragmática Moderna**. In: Amossy, Ruth (Org.) Imagens de si no Discurso: a Construção do ethos São Paulo: Contexto: 29-56.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

MAINGUENEAU, Dominique. 2016. **Ethos, Cenografia, Incorporação**. In: Ruth Amossy (Org.). Imagens de si no Discurso: a Construção do ethos. São Paulo: Contexto: 69-92.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos** / Dominique Maingueneau; tradução Sírío Possenti - São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de Texto de comunicação** / Dominique Maingueneau; tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha - 3.ed. - São Paulo: Cortez: 2004.

MAINGUENEAU, Dominique. **Retorno crítico à noção de ethos**. Let. Hoje, Porto Alegre , v. 53, n. 3, p. 321-330, July 2018 .

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios & procedimentos**. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

ZOPPI, Mónica. **“Lugar de fala”: enunciação, subjetivação, resistência**¹. Simpósio Temático 59 do 13º Women’s Worlds & Fazendo Gênero 11, [S. l.], v. 12, n. 18, p. 63-71, 2017.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza**. Tradução Waldéa Barcellos Rio de Janeiro: Rocco, 1992.